

Juventudes e escolarização: os sentidos da escola para as jovens mulheres inseridas na educação de jovens e adultos no Alto Sertão da Bahia

Maria de Fátima Pereira Carvalho*

Carmem Lúcia Eiterer**

Introdução

Este texto apresenta um recorte da pesquisa de Doutorado *Jovens mulheres da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a constituição de seus projetos de vida*, desenvolvida com jovens mulheres inseridas na EJA, no Alto Sertão da Bahia. Ele situa-se no entrelaçamento entre os temas juventudes e escolarização, tratando especificamente de jovens mulheres sertanejas.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, devido às características das questões e dos objetivos que norteiam o processo de investigação. Para a produção dos dados, foram utilizados cinco grupos de discussão (GD), um em cada uma das escolas visitadas da rede pública de ensino de Guanambi/BA, dos quais participaram entre cinco a doze jovens mulheres concluintes da segunda etapa do Ensino Fundamental¹ na EJA, no período de 2017 a 2020. Para a escrita deste texto, foram selecionados aqueles depoimentos cujas discussões e reflexões se aproximam dos objetivos do tema recortado.

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade do Estado da Bahia - Campus XII. Pesquisadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE). Linha de Pesquisa: Educação do Campo, Educação Popular e Movimentos Sociais.

E-mail: f13ccarvalho@gmail.com

** Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora Titular da FAE/UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Educação: Educação e Inclusão Social. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas.

E-mail: eiterercarmem@gmail.com

¹ O Ensino Fundamental organiza-se em duas etapas: Ensino Fundamental I, de 1º a 5º ano, e Fundamental II, de 6º a 9º ano.

Discorrer sobre o campo da juventude, compreendendo esta como uma categoria social heterogênea, implica em refletir sobre as especificidades de cada experiência juvenil. Das 51 jovens pesquisadas, 18 delas na época da pesquisa possuíam de um a três filhos, assim estamos falando também de uma juventude que conjuga a responsabilidade pela maternidade. A faixa etária delas varia entre 15 e 22 anos. Destas, 18 estavam vivendo uma relação conjugal no momento da pesquisa. Quase totalidade das jovens participantes da pesquisa são negras, das 51 participantes dos cinco GD, 48 se autodeclararam morenas, pardas e/ou pretas (negras), sendo apenas três brancas, realidade comum às turmas da EJA no país e, 49 são empregadas no trabalho doméstico ou de cuidado e 6 delas vivem no meio rural.

Logo, esta pesquisa procurou pensar as categorias juventudes e escolarização voltadas para as especificidades e realidades de jovens mulheres que frequentam a EJA no interior da Bahia. Nesse sentido, entendemos que a dimensão social deve ser ponderada, diante dos diversos contextos que vivem as jovens mulheres, guiadas por diferentes realidades, procurando conhecer quem são essas jovens e quais os sentidos da escolarização para a sua vida.

As jovens mulheres da EJA e a escolarização

De acordo com Dias et al. (2005 p. 50), “os sujeitos que frequentam a EJA têm outras especificidades que ultrapassam a condição de não criança, baixa escolaridade e integrante das camadas populares”. Como constatamos em campo, algumas jovens são mães, algumas têm responsabilidade do mundo do trabalho e do cuidado da casa. Por isso, a presença crescente de jovens na EJA tem produzido novas demandas, que exigem da escola um olhar atento a essas singularidades em meio à diversidade.

No contexto das jovens mulheres do Alto Sertão da Bahia, há experiências vivenciadas por elas que as levaram a ficar certo tempo sem estudar por não verem motivo para continuar.

Quando eu desisti da escola, tinha 14 anos na época, eu já namorava. Na época, não queria nada com nada, matava aula, bagunçava. Eu sempre trabalhei para a minha tia, fazia flores antes. O tempo foi passando, então eu fui tomando mais juízo depois que eu completei meus 18 anos. Coloquei na minha cabeça que eu deveria estudar... então eu mesma fiz a minha matrícula, eu mesma corri atrás das coisas... tudo fui eu quem providenciou para eu estudar (GD 3, mar. 2019).

Para Furtado (2013), as trajetórias escolares são interrompidas por motivos diversos, principalmente por questões referentes à desigualdade social. Uma grande parte dos jovens consegue avançar nos estudos por esforço próprio, não esquecendo das lutas travadas ao longo da história pelos movimentos sociais a favor das classes populares, das quais provém, quase em sua totalidade, o público dessa modalidade de ensino. “A autoconstrução do direito à educação realmente fica, em muitos casos, no esforço individual, salvo pelos movimentos sociais, que ainda persistem na luta pela igualdade de direitos” (FURTADO, 2013, p. 85).

Arroyo (2009, p. 113) acrescenta: “para as crianças, adolescentes e jovens e até adultos populares, a educação não aparece como um contemplativo reconhecimento da sociedade, dos governos, nem dos professores” Para este autor, a educação desses sujeitos se dá por meio de “uma construção pessoal, grupal, familiar, conflitiva” (ARROYO, 2009, p. 113). Nessa mesma direção, uma das jovens pesquisadas disse: “Tenho que concluir os estudos. E, para isso, tenho que me esforçar bastante para eu não perder de ano e poder fazer a faculdade futuramente” (GD 1, mar. 2019).

Entendemos que as/os jovens precisam ser ouvidas/os, de maneira que a escola dialogue com suas singularidades e realidades. Ao se pensar nas jovens mulheres, temos que considerar que não são quaisquer jovens, são pobres, pretas e pardas. Então, em que medida a escola participa da sua vida?

Segundo Dayrell (2007), a escola possui dificuldades em articular os interesses pessoais de algumas/alguns jovens com as demandas do cotidiano escolar, fazendo com que essas/esses jovens enfrentem empecilhos para elaborar projetos de vida vinculados a ela. O autor assinala que, para as/os alunas/os, a escola tem sido ausente das suas necessidades e realidades, “[...] reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma ‘obrigação’ necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas” (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Carrano (2007, p. 56) sugere que deveríamos caminhar para a “produção de espaços escolares culturalmente significativos para uma multiplicidade de sujeitos jovens – e não apenas alunos”. Nessa mesma perspectiva, Arroyo (2005) aponta a necessidade da mudança de olhar sobre os sujeitos da EJA enquanto sujeitos humanos e de direitos

Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social,

vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. Negação até do direito de ser jovem. As trajetórias escolares truncadas se tornam mais perversas porque se misturam com essas trajetórias humanas (ARROYO, 2005, p. 24).

A nosso ver, oportunizar às/aos jovens a escolarização por meio da EJA é dar a elas/es o direito que antes lhes foi privado, o direito à educação. Os sujeitos inseridos nessa modalidade de ensino não são quaisquer sujeitos, são, em sua maioria, jovens pobres, negros, oriundos de classes populares, que experimentaram trajetórias de escolarização acidentadas e desiguais. Concordamos com Natalino N. da Silva, quando nos convida a refletir sobre as questões que envolvem a presença dos sujeitos negros na EJA:

Dado o número significativo de jovens e adultos negros presentes na EJA, a seguinte indagação parece ter uma resposta clara: para onde retornam os jovens negros que são excluídos dos processos de escolarização regular? As poucas pesquisas sobre EJA e questão racial existentes permitem-nos ponderar que, no Brasil, esse segmento deve estar localizado na EJA (SILVA, 2009, p. 68).

Isso indica que são muitas as questões que têm caracterizado o campo da EJA. Dentre elas, destacamos os fatores geracionais e os aspectos de classe, raça e gênero. Então, ao discutir a EJA como um direito, “não se pode esquecer de que esse direito também está articulado à luta pelo direito à diferença” (SILVA, 2009, p. 68). Contudo, o debate em torno dessas questões já se encontra nas pautas de discussões nos fóruns da EJA, por exemplo. Conforme reforça Julião (2017, p. 31),

[...] durante muitos anos, quando se falava em educação para jovens e adultos, imaginava-se estar falando de um grupo social homogêneo com características biopsico-sociais bem distintas e definidas. Não se levavam em consideração as suas particularidades, especificidades, tampouco a sua diversidade: faixa etária; sexo; raça; credo religioso; ocupação profissional; opção sexual; situação social (privados ou não de liberdade) etc. Com os avanços instituídos na área nos últimos anos, principalmente no âmbito do reconhecimento do direito humano fundamental em que se constitui a Educação em seu papel na sociedade contemporânea, a necessidade de compreensão dessas particularidades, para se levar em consideração as propostas político-pedagógicas, traz como primordial a compreensão sobre os sujeitos da EJA.

As pesquisas realizadas sobre as jovens mulheres e o seu processo de escolarização – além de denunciarem um campo ainda caracterizado pelas trajetórias

escolares acidentadas, pelas desigualdades de gênero, raça, classe, pela condição de trabalhadoras, pelo não cumprimento dos direitos, entre outros fatores – anunciam a necessidade de implementação de políticas públicas que atendam as especificidades e realidades dessas jovens mulheres. São focalizadas também, pelas pesquisas, a interface das/as jovens e a escolarização ligada ao mundo do trabalho (CARVALHO, 2017; REIS, 2017). Como vimos, as/os jovens estudantes da EJA, principalmente, as/os de camadas populares em geral, precisam trabalhar durante o dia; por isso, optam por estudar no noturno. Assim, conseguem conciliar estudo e trabalho pela flexibilização e disponibilidade que essa modalidade proporciona, conforme afirmou uma jovem durante as conversas no Grupo de Discussão:

A minha opção era estudar à noite por conta do trabalho, poderia ser uma série no regular. Quando matriculei, a intenção era para ser no regular, só no decorrer do curso que descobri que me matriculei na série errada, e não tinha como eu fazer a outra, quando me avisaram, eu já tinha feito a primeira e segunda unidade. Na EJA, eu aprendi muito mais do que nas aulas normais (GD 2, mar. 2019).

Essa perspectiva da relação do trabalho com a escola nos leva a pensar sobre a escolarização de jovens, mais especificamente de jovens mulheres da EJA, considerando a indagação feita por Pochmann (2007, p. 107): “como os jovens vão elevar a sua escolaridade se eles dependem do trabalho para poder estudar, sobretudo os mais pobres?”. Para esse autor, “parte importante dos jovens só estuda quando trabalha. Muitos jovens precisam trabalhar porque essa é a condição que permite o mínimo de financiamento para a educação” (POCHMANN, 2007, p. 114).

Assim como outras tantas mulheres sertanejas, nordestinas, brasileiras, as jovens da EJA assumem vários papéis, como ser mãe, profissional, estudante. É o que de fato as permite construir e ser reconhecidas como as responsáveis por suas histórias, não as limitando aos papéis de esposa ou mãe (BARROS e ROCHA, 2009).

Os sentidos da escolarização para as jovens mulheres

A escola é um espaço fundamental na vida dos jovens, “não é somente uma etapa de formação intelectual, mas também uma etapa de construção de identidades, de elaboração de projetos de vida, reconstruções e sociabilidade” (AGUIAR, 2017, p. 32). Para Aguiar (2017, p. 82), “a escolarização é apresentada como a instituição que pode viabilizar alcançar objetivos, realizar sonhos”. Os relatos das jovens mulheres

participantes desta pesquisa indicam, de alguma maneira, que há uma relação entre a escolarização e os seus projetos para o futuro: “Estamos aqui na escola, porque queremos arrumar um emprego melhor e conseguir comprar uma casa” (GD 3, mar. 2019). Parece-nos que elas constroem seus projetos para o futuro baseando-se na escolarização a partir do lugar de suas experiências e trajetórias de vida.

O trabalho tem significado muito forte no imaginário da/o jovem e da/o adulta/o em escolarização, sobretudo quando se trata das mulheres. “Estas acreditam que a escola é sua porta de entrada no mercado de trabalho, para a maioria das mulheres, sem estudo o emprego fica mais difícil [...]” (VIEIRA e CRUZ, 2017, p. 7). De fato, vemos que, já inseridas precoce e precariamente no mundo do trabalho, buscam nos estudos a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho de modo formal e acessar direitos trabalhistas. A condição atual as coloca em situação de dependência, na maioria das vezes. Diante disso, uma delas afirmou: “Estamos aqui com o objetivo de passar de ano, formar e procurar um emprego melhor” (GD 4, mar. 2019).

As jovens mulheres desejam, por meio da escolarização, portanto, a independência. Isso se revela em trechos como o seguinte: “Hoje em dia, tudo tem que ser pelo estudo. Futuramente, queremos um futuro melhor, quero ter a minha casa própria e não depender dos meus pais e nem do meu companheiro” (GD 3, mar. 2019).

Para a maioria das jovens mulheres da EJA, um de seus desejos de vida, atrelado à escolarização, diz respeito à preparação para o mundo do trabalho formal. Elas parecem depositar na escolarização a oportunidade de transformação de vida, de maneira que o estudo possa levá-las a algum lugar, um lugar diferente daquele vivenciado por suas mães, conforme uma delas relatou: “Queremos estudar para não vivermos o mesmo que as nossas mães viveram, vivem dependendo de homem para tudo, não têm um trabalho bom. Sem o estudo, a gente não vai para lugar nenhum. Como a minha vó sempre diz: ‘Sem o estudo, a gente não chega a lugar nenhum’” (GD 5, mar. 2019).

Observamos que é na relação com outras mulheres, as mães, que as jovens projetam um futuro que não desejam. Nesse contexto, a escola aparece como um meio para isso. Assim, a condição de submissão da mulher genetriz alerta as filhas ao delinearem seu futuro². Elas demonstram, em seus relatos, o desejo de sair da

² Nessa mesma linha de pensamento, outras jovens universitárias residentes no campo também apontam a escolarização como um meio que possibilita as oportunidades na vida futura. Em contrapartida, as mães das jovens universitárias anseiam para as filhas o que elas não tiveram, conforme atestam as/o pesquisadoras/es: “As filhas parecem desejar o mesmo, avaliam a vida das suas mães e das mulheres rurais como sofrida, algo que não querem para elas. Assim, as mães criam

condição de submissão e sofrimento vivida por suas mães, por exemplo, conforme revelou uma das jovens do GD 5 (mar. 2019):

Eu penso na minha mãe que não teve a oportunidade de estudar, ela engravidou muito jovem de mim, engravidou quando tinha a minha idade hoje, ou seja, aos 14 anos de idade. Por isso, não quero que aconteça comigo o mesmo que aconteceu com ela. Ela não estudou, não teve um emprego e, por isso, ainda depende do marido, só fica em casa cuidando dos filhos, eu não quero isso para a minha vida. Hoje, a minha mãe mora em São Paulo com o marido e os filhos, meus quatro irmãos, e eu moro com a minha vó, que é a minha mãe de criação, ela quem cuida de mim, e eu dela. Ela começou a estudar à noite para eu poder estudar também à noite e acompanhar os meus colegas.

A dimensão *família*, com ênfase nas mães e nos filhos, foi retratada pelas jovens durante as discussões nos GD. As jovens acreditam que a escolarização pode possibilitar-lhes um futuro melhor, dar um futuro melhor aos filhos: “O fato de eu voltar a estudar e estar aqui na EJA é porque quero dar um futuro melhor para os meus filhos. Porque trabalhar o dia todo. Não é nada fácil. E para nós, mulheres, ainda é pior” (GD 2, mar. 2019). Parece-nos ainda que elas elaboram seus projetos para o futuro pensando na vida familiar (mais especificamente, nas/os filhas/os) e no mundo do trabalho. Este aparece como caminho para tornar-se independente e realizar seus sonhos e desejos, como a compra da casa própria. “O trabalho como um dos projetos traz sentido e significado para a vida escolar” (AGUIAR, 2017, p. 86). Uma das participantes manifestou isso:

Trabalho num grande supermercado com muitos funcionários e com muita hierarquia... se alguém faz algo errado, o gerente é chamado atenção... então, ela vem descontar na gente... às vezes, eles estão com problema até lá de fora e vêm descontar tudo na gente. Se o seu chefe está com problema..., ele passa para o gerente... e vem descontar na gente... então, você não pode falar nada... lá te estressa, lá você fica doida...você não pode conversar, não pode falar, não pode ficar parada, não pode sentar..., o dia todo em pé... então, eu voltei a estudar este ano, porque, por causa disso. Eu quero dar um futuro melhor para os meus filhos e quero realizar o meu sonho, pelo menos a metade do meu sonho. Quero um emprego melhor..., sair da faxina e dar um futuro melhor para os meus filhos (GD 2, mar. 2019).

condições, aproveitam as possibilidades abertas nas últimas décadas, e investem para que as jovens, suas filhas, possam estudar. Estas se identificam com esse projeto e forjam-se estudantes universitárias” (MARQUES; TEIXEIRA; GONÇALVES, 2020, p. 16).

No caso das jovens mulheres da EJA do Alto Sertão da Bahia, a escolarização toma parte de seus projetos de vida: “Gostaria muito de fazer um curso superior ou um curso técnico profissionalizante. O mercado de trabalho cobra da gente, no mínimo, o Ensino Médio. Quero muito fazer um curso” (GD 1, mar. 2019). “A minha pretensão é formar e fazer uma faculdade, não sei como, mas esse é um dos meus sonhos” (GD 1, mar. 2019).

Por outro lado, algumas jovens nos parecem indecisas quanto à concretização de seus projetos para o futuro, principalmente quando se trata da escolarização. Uma jovem do GD 1, por exemplo, quando interrogada sobre seus planos e projetos para o futuro, não deixou claro o que realmente quer. Em seu discurso, apareceu o sentimento das incertezas e a ideia de que, com a escolarização, sua vida pode ser melhorada: “Estou na escola porque quero estudar. Espero, com o estudo, [que] muita coisa na minha vida seja mudada” (GD 1, mar. 2019). Ela coloca a conquista do emprego como uma maneira de provocar mudanças na sua vida. “Primeiro, quero conseguir um bom emprego... depois de um tempo trabalhando, gostaria de abrigar moradores de rua... por meio de uma ONG” (GD 1, mar. 2019). Ingressar no Ensino Superior não faz parte de seus projetos de futuro por entender que a universidade ainda não é um espaço para todas e todos: “Eu não gostaria de fazer faculdade não, mas eu preciso... para trabalhar, eu preciso. Eu queria fazer um monte de cursos” (GD 1, mar. 2019). Ao indagá-la sobre quais cursos seriam esses e como ela estava pensando em cursá-los, ela apresentou alguns obstáculos que impediriam seu ingresso no Ensino Superior, destacando a questão da desigualdade social como o principal fator para esse impedimento:

É bem difícil, não saberia dizer se seria possível, ainda mais agora. Tem muitas pessoas que tentam, mas não conseguem... é muito difícil para a gente conseguir, faculdade é só para os ricos mesmo... tem gente que consegue a bolsa..., mas muitos não conseguem... por isso digo que é muito difícil.

Depois continuou dizendo: “já falei com a minha mãe para abrir uma conta para mim... para eu pagar uma faculdade quando eu concluir o Ensino Médio... não sei se vai conseguir fazer isso... o dinheiro dela mal dá para as despesas da casa..., muita conta para pagar” (GD 1, mar. 2019).

Segundo Leão (2006, p. 36), “para os jovens das camadas populares, tanto a escola como a vida em geral são experiências da desigualdade diante do trabalho, do consumo, do lazer, dos direitos etc.”. Nesse sentido, “a motivação do jovem diante da escola se dará em face da forma como cada um elabora sua experiência de crescer em

meio à desigualdade social e do significado que a educação irá adquirir em sua vida” (LEÃO, 2006, p. 36).

Assim, os sentidos da escolarização para as jovens mulheres da EJA do Alto Sertão da Bahia estão atrelados às experiências de desigualdades sociais e aos contextos vivenciados por elas. Para todas as jovens pesquisadas, a escolarização faz parte de seus projetos de vida. Em alguns casos, manifestou-se o desejo de prosseguir os estudos no Ensino Superior ou em cursos profissionalizantes, mas, para algumas, a conclusão do Ensino Fundamental já seria uma grande conquista.

Para manter-se ou dar continuidade nos estudos, muitos enfrentamentos são feitos pelas jovens pesquisadas. Na subseção a seguir, trataremos sobre os desafios e as interrupções nos estudos vivenciados por elas.

Desafios e interrupções na escolarização de jovens mulheres inseridas na EJA

Para a inserção no mercado de trabalho, ainda que informal, as trajetórias escolares de muitas jovens são interrompidas antes mesmo de elas concluírem as etapas iniciais da Educação Básica: “Para trabalhar tive que abandonar os estudos no diurno” (GD 1, mar. 2019); “Era para já está formada há algum tempo. Tive que parar os estudos para trabalhar. Era uma escolha, trabalho ou escola” (GD 2, mar. 2019). A questão profissional é o grande destaque que ora motiva a permanência das jovens na escola pela busca de inserção no mercado de trabalho e/ou de melhoria das condições de trabalho, ora contribui para as interrupções na escolarização:

Já tive a experiência de estudar numa escola particular, depois vim para o ensino regular na escola pública, mas precisei trabalhar. E o meu trabalho era viajando de uma cidade para outra. Fui obrigada a sair da escola, tentei fazer a CPA, mas nunca dava certo as datas e horários coincidiam com os meus horários de trabalho. Então vim para a EJA e gostei muito. Sinto que aprendo mais aqui do que no ensino regular (GD 2, mar. 2019).

Optar pela escola no turno noturno tem sido a possibilidade dessas jovens darem continuidade aos estudos. Além da busca por um trabalho, a gravidez na adolescência e a maternidade aparecem como dado que contribuiu para a interrupção da trajetória escolar das jovens mulheres, conforme atestou uma delas:

Eu parei porque engravidei, e a gravidez foi de risco. A criança nasceu, tive que cuidar da criança, então fiquei um tempo fora da escola. No ano passado, tentei retornar aos estudos, matriculei na EJA; porém, arrumei um serviço à noite; por isso, tive que desistir novamente da escola. Neste ano, retornei, porque trabalho durante o dia fazendo faxina. Eu acho que agora dá para ir..., nem que vou à força, quero terminar os estudos (GD1, mar. 2019).

Nessa mesma direção, outra jovem comentou destacando os desafios que contribuíram para a sua interrupção nos estudos. A reprovação e a condição de mulher, dona de casa e mãe impediram de continuar na escola.

Eu estou na EJA porque perdi três anos no colégio, não conseguia passar de ano, até que completei a idade de estar na EJA. Estou aqui porque parei cinco anos de estudar para poder trabalhar, já era para eu ter formado, então eu voltei de novo, tornei sair porque arrumei trabalho. Agora eu voltei, vou tentar concluir, eu acho que esse ano vai. Eu desisti há seis anos, porque minha menina era muito pequena, não tinha condição nenhuma para eu trazê-la para a escola, tudo bem, eu morava aqui perto, não era preguiça de trazer. Na época, a minha menina ainda ia fazer 1 ano de idade, estava naquele processo de você colocá-la num canto e ela sair andando para outros lugares... então saí da escola. O conselho dos diretores aqui, na época, era que eu estudasse e trouxesse a minha filha e a colocasse ela sentadinha no canto da sala. Mas como eu iria poder estudar se a minha filha não ficava um instante sentada..., era muito inquieta lá em casa e na rua..., imagine aqui na escola, como seria? Então eu desisti, voltei no ano passado que ela já estava maior, já no começo da independência dela, ela já faz tudo sozinha, não depende mais de mim para fazer nada (GD 3, mar. 2019).

Como já dito, as jovens mulheres para permanecerem na escola, enfrentam muitos desafios, conforme elas mesmas atestaram por meio de suas falas: “a gente enfrenta muitos desafios para estar aqui na escola da EJA, um grande desafio é o cansaço, pois, [para] trabalhar o dia todo e estudar à noite, é preciso muita força de vontade” (GD 3, mar. 2019). Atrelado ao cansaço, as jovens destacam o sono como desafio para elas permanecerem na escola: “trabalhar o dia todo na casa dos outros não dá tempo de descansar um pouco; então, sentimos sono durante as aulas, e isso nos prejudica” (GD 3, mar. 2019).

Também foram apontadas as múltiplas tarefas e responsabilidades da tripla jornada da mulher, destacando as tarefas domésticas além do trabalho fora de casa, como causadoras do cansaço e desânimo para permanecerem na escola:

A rotina do dia a dia, trabalhar o dia todo e à noite estar na escola no horário certo, não é nada fácil, ainda mais que agora o portão não pode ficar aberto

mais, não pode nos esperar nem mais um minuto..., temos que chegar antes das 19h. A gente tem que conciliar tudo ao mesmo tempo: trabalho, família, filho, marido, casa... aí vem para a escola, chegando aqui, a gente está esbagaçada de cansaço e, ainda, escuta desaforo. Às vezes, as professoras entram na sala de aula estressadas, a gente não sabe o que acontece com elas fora daqui, chegam aqui no colégio estressadas e ficam descontando nos alunos. É uma falta de respeito uma coisa dessa, porque o professor acha que ele tem o direito de ser respeitado, os alunos também têm. Os alunos não são bichos para serem tratados assim não (GD 3, mar. 2019).

Para superar o cansaço e manter-se na escola, as jovens utilizam estratégias que, segundo elas, possibilitam exercer as várias funções que lhes são atribuídas cotidianamente, conforme afirmou uma das entrevistadas:

Todos os dias eu deito e oro a Deus, peço a Deus sabedoria e paciência... De vez em quando, eu vou para a academia..., principalmente para melhorar as dores nas pernas. Eu durmo por volta das 11h30 da noite e acordo às 4h30 da manhã. Levanto, faço as coisas, às 5h20 eu saio para o trabalho, preciso bater o ponto às 6h da manhã... quando eu acordo, os meus filhos também acordam... então eu dou mamadeira ao mais novo e o coloco na cama da minha mãe ou na cama com a minha irmã..., mas ele já entende. Eu falo pra ele que vou trabalhar e que volto logo... ele responde...: “Está bom, mamãe”. Nesse meu trabalho, já tenho 9 meses (BARRIGUDA, nov. 2019).

Questões como o racismo e o preconceito interpelam a vida das jovens pesquisadas. Elas destacaram o enfrentamento do preconceito no espaço escolar, conforme vemos nesta fala:

A jovem mulher da EJA sofre muitos preconceitos. Tipo assim, a gente parou de estudar, quando a gente volta, as pessoas ficam perguntando por que a gente parou, se a gente parou por causa de filho ou por causa de marido. As pessoas ficam apontando o dedo pra gente, tanto as pessoas fora da escola como as pessoas de dentro da própria escola. Viver esse preconceito é um desafio para nós, jovens mulheres. Estamos na EJA por conta da idade e, durante o dia, não tem vaga e nem se tivesse não poderíamos estudar, por conta do trabalho. Eu estudo à noite pra cuidar do meu filho, o meu marido trabalha durante o dia e estuda à noite, e eu tenho que estudar à noite por causa dele, porque a escola permite que eu traga ele pra sala de aula todos os dias (GD 3, mar. 2019).

Outro desafio apontado pelas jovens estudantes da EJA diz respeito ao medo da violência urbana: “Temos medo de vir só para a escola, embora ela esteja localizada no centro da cidade, nós residimos em outros bairros e distantes daqui, sem carona fixa e

sozinhas, é muito perigoso...” (GD 3, mar. 2019). Uma participante de outro Grupo de Discussão discorreu ainda sobre a insegurança no próprio espaço da escola:

A falta de segurança na escola nos causa medo. Não temos segurança para vir para cá e aqui, principalmente, não nos sentimos seguras. Temos medo que alguém entre na escola para fazer atos de violência. O que não poderia acontecer seria pessoas de outras escolas de farda e sem farda pularem o muro e entrar aqui. Vá lá na quadra para você ver o cheiro... não vamos dizer muita coisa não..., está sendo gravada as nossas falas. Aqui não é nenhum pingão seguro (GD 4, mar. 2019).

Para as colaboradoras da pesquisa, o medo de sofrerem atos de violência durante o ir e vir para a escola tem sido um intenso desafio para a sua permanência na escola. A condição de ser jovem mulher e mãe dificulta mais ainda a sua continuidade nos estudos, “passo por uma avenida muito escura, tenho medo, porque passo todos os dias empurrando o carrinho com o meu filho. Caso aconteça alguma coisa, eu nem posso correr, não posso deixar o meu filho” (GD 3, mar. 2019).

Os relatos dessas jovens evidenciam o quanto elas são combatentes e batalhadoras para participarem da escolarização, agindo, na maioria das vezes, numa contracorrente da *causalidade do provável*³ (BOURDIEU, 2007). São muitos os enfrentamentos feitos por elas para frequentarem o espaço escolar: “a gente mata um leão por dia, professora, para estarmos aqui na escola” (DIÁRIO DE CAMPO, 21 mar. 2019).

Algumas jovens participantes desta pesquisa apontaram razões diversas para a migração das/os jovens do ensino regular para o campo da EJA, condição semelhante à vivenciada por muitos sujeitos dessa modalidade de ensino: “estou aqui porque perdi de ano no diurno, não quero ficar para trás, quero avançar nos estudos e acompanhar os meus colegas. À noite a gente faz duas séries numa só, é uma possibilidade de alcançá-los” (GD 5, mar. 2019). Sobre isso, uma participante da pesquisa disse: “Estou à noite, porque, durante o dia, fui expulsa, o colégio não me quer mais durante o dia, eu era muito barraqueira, fui ficando no diurno até completar a idade, sempre saía da escola antes do final do ano” (GD 4, mar. 2019).

³ Termo utilizado por Bourdieu (2007) para confirmar uma reprodução das estruturas sociais que o autor denomina como um “destino provável”, de acordo com o *quantum* de capital econômico e cultural do indivíduo. Utilizamos este termo para enfatizar como, no atual contexto educacional brasileiro, ainda é difícil para jovens de classes populares permanecerem na escola.

O caso dessa jovem não é comum ao observar as trajetórias apresentadas pelas demais participantes da pesquisa, pois as interrupções dos estudos têm sido provocadas pela condição da tripla jornada de trabalho das jovens. Outro aspecto que merece destaque diz respeito aos benefícios proporcionados pela Educação de Jovens e Adultos, que é uma realidade comum a muitos sujeitos dessa modalidade de ensino. Nessa direção, uma integrante do GD 4 (mar. 2019) disse: “Estudar na EJA é vantagem, porque a gente faz duas séries juntas e ainda pode trabalhar no decorrer do dia, pois é muito difícil achar alguma coisa para se fazer no durante à noite”.

Outra afirmação feita nesse sentido foi esta:

Estar na EJA, para nós, tem sido muito tranquilo..., porque, para vir da comunidade, tem o transporte escolar, o ônibus que carrega os alunos da roça para a sede do distrito. E aqui na cidade, a gente vem com as nossas mães que também estudam aqui na EJA, elas estão na turma iniciante... por isso, não temos tanta preocupação para estudarmos à noite... Mainha deixou eu estudar à noite, porque ela também está estudando (GD 5, mar. 2019).

Outro grupo apontou os benefícios proporcionados pela experiência do convívio com adultos e idosos no espaço escolar, destacando-os como fatores motivacionais e influenciadores para a permanência delas na escola, como vemos nesta fala:

Ser jovem e estudar com adultos e idosos nos animam... D’Maria mesmo foi uma grande motivação para eu permanecer na EJA. A senhora com mais de 80 anos é toda animada, vem para a escola todos os dias, participa das aulas e discussões, ela é muito esforçada... então, pensei muito..., eu tão jovem querendo desistir por conta do cansaço... vou desistir não... D’Maria é um exemplo de mulher, já casou uma mulher de idade... nós que somos novas, dá vontade de estudar mesmo olhando para ela. A gente aprende muito com as experiências que ela passa para gente... ela tem muita história para contar (GD 2, mar. 2019).

O fator geracional também aparece nas vozes das colaboradoras da pesquisa, enfatizando a importância do/a idoso/a no convívio com os/as jovens para o processo de aprendizagem. Carrano (2007) mostra que a presença maior de jovens no campo da EJA é o fenômeno da juvenilização, um fenômeno nacional. Assim sendo, o perfil etário da EJA no Brasil mudou nos últimos anos, são poucos/as idosos nas turmas do II segmento do Ensino Fundamental, na modalidade EJA.

Ao mesmo tempo que as jovens destacaram as vantagens do estudo no turno noturno para sua vida social, elas apresentaram desvantagens, conforme visto neste relato:

Como a gente estuda à noite por conta do trabalho, então, deixamos de participar de muitas coisas..., deixamos de ir a festas, sair com os amigos etc., num aniversário na semana. Mesmo que temos o final de semana, mas, às vezes, a gente prefere descansar e dormir mais cedo... apesar que a escola também é um espaço de encontros..., às vezes, até melhor que a rua por ter segurança aqui dentro..., aqui também estão alguns de nossos amigos (GD 2, mar. 2019).

Ainda fazendo referência às dificuldades enfrentadas para estudar, uma das jovens entrevistadas destacou as relações interpessoais entre aluna/o e professora/professor. Assinalou também a dificuldade no acesso à escola vivida pelas colegas de classe, o que não é seu caso:

Não estou gostando muito de estudar à noite. No começo, até que gostava, estou sentindo algumas dificuldades e não consigo entender a professora. Um dia desse, a professora brigou com uma colega da sala, porque perguntou qual era as páginas do livro... ela teria que falar mesmo, não somos adivinhas..., pelo jeito ela não gosta da gente. Às vezes, quando a gente conversa, ela reclama de um jeito muito estranho. Outro dia, ela tomou a minha atividade antes mesmo que eu já tivesse terminado, fiquei sem entender... uma dificuldade enfrentada por muitas colegas minhas é para vir para cá. Como eu moro perto da escola, então não sinto dificuldades para vir (GD 1, mar. 2019).

Os discursos das jovens mulheres da EJA acerca da experiência com a escolarização evidenciam que elas são interpeladas cotidianamente por diversos obstáculos que dificultam sua permanência na escola. Diante do exposto, as jovens se deparam com desafios que, muitas vezes, impedem-nas de dar continuidade aos estudos, além das interrupções de seus projetos para o futuro vinculados à escolarização.

Algumas considerações

Os resultados deste estudo mostram que os sentidos da escolarização para as mulheres matriculadas na EJA estão atrelados à melhoria das condições de vida experienciadas por elas. Assim, em seus relatos, as participantes demonstraram o desejo de sair da condição de submissão e sofrimento vivida por suas mães, por

exemplo. Parece-nos ainda que elas elaboram seus projetos de vida pensando na vida familiar (mais especificamente, nas/os filhas/os) e no mundo do trabalho, este aparece como possibilidade de tornar-se independente e realizar seus sonhos e desejos, como a compra da casa própria. O trabalho é o grande destaque que ora motiva a permanência das jovens na escola pela busca de inserção no mercado de trabalho e/ou de melhoria das condições de trabalho, ora contribui para as interrupções nos estudos.

As colaboradoras da pesquisa, ainda que apresentem muitas semelhanças, como a cor/etnia (preta, parda, morena) negra, mesma classe social (pobres, sertanejas, nordestinas), educandas do II segmento do Ensino Fundamental na modalidade EJA, diferem-se entre si. A experiência de se deslocar de bairros distantes e até de comunidades localizadas no campo para estudar é um desafio para as jovens mulheres inseridas na EJA, no Alto Sertão da Bahia, porque é vivida como uma experiência individual assinalada pela violência, pelo cansaço e pela discriminação.

A experiência de ser mãe ainda na adolescência, a convivência com a família e as relações de poder que permeiam a trajetória das jovens pesquisadas também são distintas entre elas. Entretanto, a conquista da independência financeira, do emprego com salário e da casa própria parecem constar nos projetos para o futuro de quase todas as jovens pesquisadas.

O discurso coletivo das jovens mulheres colaboradoras desta pesquisa mostra o quanto elas diversificam as estratégias para fazer os enfrentamentos dos diferentes desafios que interpelam suas trajetórias, muitas vezes, truncadas pela escolarização. Nesse sentido, ser jovem, mulher e estudante da EJA é uma experiência assinalada pela responsabilidade individual em fazer mudanças para melhorar de vida.

Considerando suas condições como jovens mulheres, estudantes da EJA, nordestinas, sertanejas, pobres, negras, trabalhadoras do mercado informal, algumas mães, não observamos em seus discursos lamentações pelas experiências de sofrimento vividas por elas. Na maioria das vezes, elas naturalizam a cultura do sofrimento diante das condições a elas impostas pela sociedade. As vozes coletivas dessas jovens clamam por uma sociedade de igualdade de direitos no que se refere ao gênero, à etnia, à classe, ao território e à geração, pois são vítimas de uma sociedade machista, paternalista, branca, racista, discriminatória e europeizada.

As relações de poder estão imbricadas nas trajetórias de vida das jovens pesquisadas, elas são submetidas cotidianamente às decisões ora do companheiro, ora da mãe e/ou sogra, ora da própria instituição escolar. Isso fica evidente tanto nas

vozes coletivas quanto nas individuais: “Não tenho celular, uso o celular da minha sogra... depois que a gente namora, perde a graça. O meu namorado é um pouco ciumento... eu evito para não ter confusão” (GD 2, mar. 2019). Mais adiante essa mesma jovem denuncia a sua falta de liberdade e a interferência da sociedade em determinar como as mulheres devem ser e se comportar. “Eu não sou uma pessoa livre. A minha sogra sempre diz que já viu muitos casamentos se desfazer por conta de celular, das redes sociais, principalmente pelo WhatsApp, muita traição. As pessoas interferem muito” (GD 2, mar. 2019).

Os relatos revelam muitos exemplos de como as jovens mulheres matriculadas na EJA, no Alto Sertão da Bahia vivenciam enfrentamentos que se iniciam desde a infância, perpassam pela adolescência e continuam na juventude. São muitos os desafios apresentados nas trajetórias dessas jovens envolvendo a família, a escola, o trabalho, o casamento, a gravidez na adolescência, a violência, entre outros tantos.

As formas de representação das jovens participantes desta pesquisa chamam a atenção para a necessidade de estudos que compreendam melhor as trajetórias, as demandas e as formas de viver de jovens mulheres inseridas na Educação de Jovens e Adultos. Ressaltamos ainda a necessidade de pesquisas em que se interseccionam as questões abordadas neste estudo, principalmente se considerarmos a área da modalidade de ensino aqui investigada. Finalmente, vale a pena indicar algumas recomendações enfocando a criação de políticas públicas que contemplem as especificidades das jovens mulheres sertanejas, além de propor a inclusão interseccionalizada da categoria *gênero* na Educação de Jovens e Adultos, no Alto Sertão da Bahia.

Referências

AGUIAR, J. S. de. **Existo porque resisto**: práticas de re-existência de jovens mulheres aprendizes frente às assimetrias de gênero. 2017. 140 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARROYO, M. G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BARROS, J. N. de; ROCHA, M. M. da S. Mulher, mãe e profissional: uma breve discussão sobre o reflexo dessas escolhas no modo de ser mulher. **Revista Kaleidoscopio**, v. 2, p. 1-14, 2009.

Infâncias e Juventudes em contextos educacionais no Brasil

Juventudes e escolarização: os sentidos da escola para as jovens mulheres inseridas na educação de jovens e adultos no Alto Sertão da Bahia

DOI: 10.23899/9786589284123.247

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CARRANO, P. Educação de jovens e adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **REVEJ@**: Revista de Educação de Jovens e Adultos, Belo Horizonte, v. 1, n. 0, p. 55-67, 2007. Disponível em: <http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_0_PauloCarrano.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CARVALHO, C. C. de. **Juvenilização na EJA**: significados e implicações do processo de escolarização de jovens. São Luís. 2017. 171 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DIAS, F. V. *et al.* Sujeitos de mudanças e mudanças de sujeitos: as especificidades do público da educação de jovens e adultos. In: SOARES, L. (Org.). **Aprendendo com a diferença**: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 49-82.

FURTADO, Q. V. F. **Jovens e o espaço escolar em fracasso**: Táticas de resistência no processo de escolarização. 2013. 158 p. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

JULIÃO, E. F. **Diagnóstico da Educação de Jovens e Adultos na Região Costa Verde do Estado do Rio de Janeiro**: mapeamento do território em subsídio a uma nova agenda política. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017.

LEÃO, G. M. P. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 31-48, jan./abr. 2006.

REIS, L. D. R. **Experiências de trabalho e escolarização de participantes do Projovem Adolescentes**. 2017. 123 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Inclusão Social). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, N. N. da. Educação de Jovens e Adultos: alguns desafios em torno do direito à educação. **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 6, n. 7, p. 61-72, jul./dez. 2009.

VIEIRA, M. C.; CRUZ, K. N. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2017.